





Do guião de *Sombras* fazem parte passos de três textos dramáticos: *Castro* de António Ferreira (circa 1550), *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett (1843) e *Figurantes* de Jacinto Lucas Pires (2004).

The script of *Shadows* includes excerpts from three plays: *Castro*, by António Ferreira (circa 1550), *Frei Luís de Sousa*, by Almeida Garrett (1843), and *Figurantes*, by Jacinto Lucas Pires (2004).

Castro de **by** António Ferreira

Trata-se de Pedro e de Inês – dos amores entre o herdeiro do trono e uma filha de Espanha, motivo de temores, pois tal ligação representa uma ameaça à independência de Portugal. Sob a pungente impressão de um sonho, Inês de Castro confia os seus receios à Ama, e o Coro anuncia a sua morte. Na ausência de Pedro, D. Afonso IV confronta a Castro, que, rodeada dos filhos, implora clemênci. O rei hesita, mas acaba por ceder aos rogos dos seus conselheiros. Inês é assassinada. Pedro é colhido de surpresa pela notícia; entre imprecações, promete vingar o crime e pôr Inês em “estado real”. “Tu serás cá rainha, como foras.” A lenda propaga aquilo de que António Ferreira nos escusa: após ascender ao trono, D. Pedro sujeita os conselheiros a um suplício terrífico, arrancando-lhes os “corações feros”.

Impõe a trasladação do corpo da amante de Coimbra para o Mosteiro de Alcobaça, onde ordenara a construção de dois túmulos – um para Inês, outro para si –, e, numa lúgubre cerimónia de coroação, obriga a Corte a beijar a mão putrefacta da Castro. (“Ó Castro, Castro, meu amor constante / Quem me de ti tirar, tire-me a vida.”)

It's the story of Pedro and Inês de Castro – the love between the heir to the throne of Portugal and a Castilian gentlewoman, a cause for dread, because their relationship implies a threat to the national independence. Under the pungent impression of a dream, Inês trusts her fears to her Maid, and the Chorus predicts her death. In the absence of Pedro, D. Afonso IV confronts Castro, who, surrounded by her children, begs for mercy. The king hesitates, but ends up giving in to the pleading of his counselors. Inês is murdered. Taken by surprise with the news, a cursing Pedro promises to take revenge for the crime and to crown Inês. The legend tells us what António Ferreira does not: after his ascension to the throne, D. Pedro inflicts

horrific torture upon his father's counselors, ripping out their "savage hearts". He mandates the transfer of his lover's body from Coimbra to the Alcobaça Monastery, where he had ordered the construction of two tombs – one for Inês and the other for himself –, and, in a grim crowning ceremony, he forces the Court to kiss the rotten hand of Castro.

Frei Luís de Sousa

de by Almeida Garrett

D. João de Portugal foi dado como perdido na batalha de Alcácer-Quibir (1578), desastre militar onde desapareceu o Rei D. Sebastião e que redundou na perda da independência de Portugal. Após anos de buscas, Madalena de Vilhena, mulher de D. João de Portugal, desposou Manuel de Sousa, que já amava em vida do primeiro marido. Deste segundo casamento nasceu Maria de Noronha, que, aos 13 anos, revela estranha sensibilidade, aguçada pela tuberculose. A casa vive carregada de negros presságios. Ninguém, à exceção da febril Maria e de um velho escudeiro, quer ouvir falar do regresso de D. Sebastião, porque evoca o possível retorno de D. João de Portugal. Num gesto patriótico, D. Manuel incendeia o seu palácio para nele não acolher os opressores castelhanos. A família transfere-se para o solar do suposto morto, onde, vinte e um anos após Alcácer-Quibir, aparece um Romeiro vindo da Terra Santa: é D. João de Portugal. O passado, que se julgava morto, vem engolir os vivos. A família é destruída: Manuel e Madalena ingressam num convento e, numa hemoptise delirante, Maria morre "de vergonha". Há ainda quem confira a crença popular de que D. Sebastião ("Bastião, Sebastião e Basta", na escrita do poeta Alexandre O'Neill) regressará numa manhã de nevoeiro.

D. João de Portugal was presumed to be lost in combat at the battle of Ksar el-Kebir (1578), a military disaster where King D. Sebastião also went missing, which resulted in the loss of Portugal's national independence to Spain. After years of fruitless searching, Madalena de Vilhena, the wife of D. João de Portugal, married Manuel de Sousa, whom she already loved when her first husband was alive. From this second wedding, Maria de Noronha was born. At the

age of thirteen, Maria already displays a strange sensibility, intensified by tuberculosis. The family environment is filled with dark omens. Nobody, except for the feverish Maria and an old squire, wants to hear about the return of D. Sebastião, since that would raise fears of a possible return of D. João de Portugal. In a patriotic gesture, Manuel de Sousa sets his own palace on fire, so that the oppressors, the Castilians, wouldn't be able to use it for shelter. The family moves to the supposedly dead man's manor, where, twenty one years after Ksar el-Kebir, a pilgrim from the Holy Land comes knocking: D. João de Portugal. Presumed dead, the past comes back to swallow the living. The family is destroyed: Manuel and Madalena retire to a convent and, in a delirious hemoptysis, Maria dies "of shame". And there are still those who have faith in the popular belief that D. Sebastião ("Bastião, Sebastião e Basta" ["Bastion, Sebastian, and that's enough"], in the words of poet Alexandre O'Neill) will return on a misty morning.

Figurantes

de by Jacinto Lucas Pires

Sete personagens – gente de proveniências, histórias e segredos diversos – encontram-se num lugar indeterminado, que por fim revelará ser um estúdio de televisão. Tentando vencer o medo, procuram em conjunto construir uma história, por entre a qual se vão contando a si próprios, a partir de memórias, restos de ideias, uma ou outra mentira. Pedro é uma das personagens, que a espaços revela a sua história de amor por uma mulher "da vida", uma história de recusa feita de *lapsus linguae*, drogas e outros enganos. Dois velhos apresentadores ou atores de variedades – *compêres* revisitados em *Sombras* – irrompem por ali, carregados de absurdas e intermitentes memórias da televisão e do "espetáculo".

Seven characters – people from different origins, with different stories and secrets – meet at an undetermined place, which by the end of the play turns out to be a television studio. While trying to conquer fear, they join efforts to create a story, by which they tell of themselves through memories, remnants of ideas, and a few occasional lies. Pedro is one of the characters who, little by little, reveals his falling in love with a drug-using "working girl"; a story made of denial, drugs and *lapsus linguae*. Two old presenters or vaudeville actors – *compêres* recovered by *Shadows* – rush in, laden with senseless and intermittent television and "show business" memories.



Uma estética da desencarnação

Bruno Di Marino*

A cenografia concebida por Nuno Lacerda Lopes divide o espaço cénico em duas partes. À esquerda, os músicos dirigidos por Mário Laginha; à direita, os performers (fadistas, bailarinos e atores), sobre um estrado de madeira que sugere a plataforma de um porto: o cais é um lugar simbólico da cultura portuguesa, de onde se parte (*Quando a gente vai “lá fora”*) e a que se regressa (*Quando a gente volta “a casa”*). De resto, o tema da separação, sobretudo da separação amorosa, atravessa todo o espetáculo de Ricardo Pais, revelado neste contraste paradoxal entre a aparente fixidez da cena e um contínuo movimento conceptual, estilístico, cronológico que contamina o mito musical (o Fado) com o literário (Fernando Pessoa), histórico e teatral (*Castro, Frei Luís de Sousa...*). A própria divisão em capítulos (sete episódios, dois entreatos) procura sistematizar um espetáculo que – obstinadamente – reivindica uma fragmentariedade estrutural, e a sua densa tessitura de associações, reenvios, sobreposições e dissoluções não chega nunca a fechar-se (não por acaso, o último alicerce da sua construção dramatúrgica é um *falso final*, que sublinha o facto de *Sombras* ser um fluxo, figurativamente capaz de voltar sobre si mesmo e recomeçar de novo, precisamente porque não tem princípio nem fim).

E, no entanto, a dispersão fantasmática destas sombras que encarnam mitos e sentimentos da cultura lusitana, personagens que vagueiam entre a dimensão real (o palco) e virtual (os ecrãs onde Fabio Iaquone e Luca Attilii projetam as suas criações vídeo), articula-se no interior do contentor cénico, cuja quarta parede é um ecrã negro de tule que, para além de conter músicos, atores e bailarinos no espaço da representação e da fábula, os desmaterializa, tornando-os ainda mais sombras, fundindo-os com as imagens em movimento.

Não faz sentido pensar em *Sombras* – adverte Ricardo Pais – como um espetáculo circunscrito à *portugalidade*. Temas, motivos, personagens, situações e referências assumem uma dimensão universal, partilhável com espectadores de outras latitudes. *Sombras* representa antes uma viagem às raízes culturais de Portugal, numa oscilação contínua entre tristeza e alegria, amor e morte, sonho e realidade, Fado e fandango, drama e cabaré; mas também pode ser lido como uma excursão pessoal de Ricardo Pais ao seu imaginário teatral: o encenador, na verdade, revisita e reinterpreta fragmentos de alguns dos seus espetáculos de um passado recente ou mais longínquo. À infância e ao crescimento histórico da cultura portuguesa sobrepõe-se assim a vida artística de Ricardo Pais, a sua poética, a sua estética, as suas paixões, as suas obsessões. E estas duas linhas entrelaçam-se continuamente.

Sombras é naturalmente atravessado pelo Fado, o género musical por excelência, e pelas suas canções. O Fado, a que as vozes de José Manuel Barreto e Raquel Tavares dão esplendorosamente corpo, é definido com perspicácia por Ricardo Pais como “flamenco impotente” e, acrescentaríamos nós, exangue, literalmente *dessangrado*: nas imagens projetadas, duas das personagens-intérpretes vomitam sangue (alusão à figura da jovem Maria de *Frei Luís de Sousa*, tuberculosa). Imagem de uma “beleza convulsa”, diriam os surrealistas, simboliza a doença da paixão ou a paixão como doença e restitui de um modo perfeito o mood contaminado de *Sombras*, uma mistura de romântico e gótico a deslizar em direção ao *grand guignol* e, por fim, ao cabaré, naturalmente metafísico, isto é, sem corpo, mas pleno de ironia. Intensifica-se um contínuo *intercâmbio* de atributos

An aesthetics of disincarnation

Bruno Di Marino*

The scenography conceived by Nuno Lacerda Lopes divides the scenic space into two parts. To the left, the musicians conducted by Mário Laginha; to the right, the performers (Fado singers, dancers and actors), on a wooden stage that suggests the platform of a port: the pier is a symbolic place of the Portuguese culture, a place where people come (*When people “return home”*) and go (*When people “depart”*). Moreover, the theme of separation (mainly between lovers) permeates the entire show by Ricardo Pais, revealed in this paradoxical contrast between the seeming fixity of the scene and a continuous conceptual, stylistic and chronological movement that contaminates the musical myth (the Fado) with the literary myth (Fernando Pessoa) and the historical and theatrical one (*Castro, Frei Luís de Sousa...*). The very division in chapters (seven episodes, two entr'actes) aims to systematize a play that – stubbornly – claims for itself a structural fragmentation, its dense fabric of associations, allusions, overlaps and disintegrations never really closing (it is not by mere chance that the last foundation of its dramaturgical construction is a *false finale* that emphasizes the fact that *Shadows* is a flux, figuratively capable of revolving around itself and starting back again, precisely because it has no beginning nor end).

Notwithstanding, the ghostly dispersion of these shadows incarnating myths and feelings of a Portuguese culture, characters that wander between the real dimension (the stage) and the virtual dimension (the screens where Fabio Iaquone and Luca Attilii project their video creations), articulates itself within the scenic container, whose fourth wall is a black tulle screen that, besides enclosing musicians, actors and dancers in the space of the representation and the *fable*, also dematerializes them, making them even more shadowy and merging them with the moving images.

entre as personagens, a diluição de fronteiras entre atores, performers e músicos nas duas metades do espaço cénico (Mário Franco assume o duplo papel de contrabaixista e bailarino), a pulverização de qualquer limite físico que alude naturalmente à pulverização de todas as fronteiras entre géneros, numa lógica que torna ainda mais labiríntica a arquitetura dramatúrgica e a encenação de Ricardo Pais.

Em *Sombras*, o luto (a imagem de grãos de milho cobertos por um oleado negro) reveza-se com a festa (os caixotes de peixe fresco do mercado que invadem a cena como uma prateada *textura abstrata*), e esta alternância traduz em cena, numa espécie de reverberação visual, o esclarecedor subtítulo do espetáculo: “A nossa tristeza é uma imensa alegria”. “A arte é sobretudo a consciência da infelicidade”, escreveu Maurice Blanchot, “não uma sua compensação”.

É difícil subtraírmos-nos a uma leitura meta-artística de *Sombras*, lá onde as “sombras” não são senão *imagens*, representações, figuras alegóricas e arquétipos de uma tradição literária e musical que se transmuta em escrita cénica; são ecos, reverberações, reflexos da existência e da História. E pegando uma vez mais nas palavras do Blanchot de *L'Espace littéraire*, poderíamos concluir: “O reflexo não parece sempre mais espiritual do que o objeto real? Não é desse objeto a expressão ideal, a presença liberta da existência, a forma sem matéria? E os artistas que se exilam na ilusão das imagens, não têm eles como missão idealizar os seres, elevá-los à semelhança desencarnada?”

Sombras poderia ser lido como o poema desta desencarnação.

Excertos de um texto publicado originalmente no programa de *Sombras* (TNSJ, 2010).

Trad. João Luís Pereira.

* Ensaísta italiano, curador e investigador de media art.

It makes no sense to think about *Shadows* – warns Ricardo Pais – as a play circumscribed to the *portugalness*. The themes, motives, characters, situations and references assume an universal dimension, shareable with audiences of other latitudes. *Shadows* represents above all a journey to the Portuguese cultural roots, in a continuous oscillation between sadness and joy, love and death, dream and reality, Fado and *fandango*, drama and cabaret, but it can also be read as a personal excursion by Ricardo Pais to his theatrical imagination: the director, in fact, revisits and reinterprets fragments from some of his shows from a recent or more distant past. Thus, the artistic life of Ricardo Pais, as well as his poetry, his aesthetics, his passions and obsessions superpose themselves to the infancy and historical development of the Portuguese culture. And these two lines intersect continuously.

Shadows is naturally traversed by Fado, the musical genre *par excellence*, and by its songs. The Fado, which the voices of José Manuel Barreto and Raquel Tavares so splendidly embody, is perceptively defined by Ricardo Pais as “impotent flamenco”, and we could also describe it as bloodless, literally *drained of blood*: in the projected images, two of the main characters throw up blood (an allusion to the figure of the young Maria in *Frei Luís de Sousa*, ailing from tuberculosis). The image of a “convulse beauty”, as the surrealists would say, she symbolizes the sickness of passion or the passion as sickness, and perfectly restores the contaminated mood of *Shadows*, a mixture of romantic and gothic sliding towards the *grand guignol* and, finally, the cabaret, naturally of a metaphysical kind. In other words, without a body, but filled with irony. A continuous exchange of attributes between the characters is intensified, as well as the dilution of frontiers between the actors, performers and musicians on the two halves of the set (Mário Franco takes on the double role of double-bassist and

dancer), the pulverization of any physical limits, which is an obvious reference to the pulverization of any boundaries between genres, in a logic that makes the dramaturgical architecture and staging by Ricardo Pais even more labyrinthine.

In *Shadows*, the mourning (the image of the corn grains covered by a dark tarp) alternates with a party (the baskets of fresh fish from the market invade the scene as an abstract silver texture), and this alternation transposes into the scene, as a sort of visual reverberation, the show’s enlightening subhead: “Our sadness is an immense joy”. “Art is mainly the conscience of unhappiness”, wrote Maurice Blanchot, “not a compensation for it”.

It is hard to avoid a meta-artistic reading of *Shadows*, where the “shadows” are no more than *images*, representations, allegorical figures and archetypes of a literary and musical tradition that transforms itself into scenic writing; they are echoes, reverberations, mirror reflections of existence and History. Quoting again from Blanchot’s *L'Espace littéraire*, we might conclude: “Doesn’t the reflex always seem more spiritual than the real object? Isn’t it the ideal expression, the presence free of existence, the form without matter of that same object? And the artists who exile themselves in the illusion of images, isn’t their mission to idealize the beings and elevate them to a disincarnated resemblance?”

Shadows might be read as the poem of this disincarnation.

* Italian essayist, curator and media art researcher.

Ficha Técnica TNSJ
coordenação de produção
Maria João Teixeira
assistência de produção
Maria do Céu Soares
Mónica Rocha
direção técnica
Carlos Miguel Chaves
direção de palco
Rui Simão
direção de cena
Pedro Guimarães
cenografia
Teresa Grácio
guarda-roupa e adereços
Elisabete Leão (coordenação)
Teresa Batista (assistência)
Isabel Pereira
Nazaré Fernandes
Virginia Pereira (costureiras)
Dora Pereira
Guilherme Monteiro (aderecistas)
luz
Filipe Pinheiro (coordenação)
Abílio Vinhas
Adão Gonçalves
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
maquinaria
Filipe Silva (coordenação)
Adélia Pêra
Joaquim Marques
Jorge Silva
Lídio Pontes
Paulo Ferreira
som
Joel Azevedo
António Bica
vídeo
Fernando Costa
maquilhagem
Maria Santos
legendagem
Sofia Barbosa

apoios



apoios à divulgação



ANTENA 1 = ANTENA 2 =

agradecimentos

ESMAE – Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo/IPP
Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Teatro Nacional São João
Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto
Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento da Vitória
Rua de São Bento da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00

edição
Departamento de Edições do TNSJ
coordenação Pedro Sobrado
design Studio Dobra
fotografia João Tuna
impressão Empresa Diário do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo.
O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incômodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Obscurities and scintillations

Shadows is built upon a sort of uncanny scenographic landscape, full of unexpected and contrasting events. It is a multidisciplinary show, and very much against the usual clichés of the “fusion” or “world music” genres. It has Fado at its melancholic heart, as well as the euphoria of Fandango. It greatly relies on original music, as part of a soundtrack that aims to be unifying.

In an evocative more than narrative tone, *Shadows* revisits excerpts from the great Portuguese texts we have been working with during these last years, emphasizing in particular some themes from the so-called Portuguese mythology and its legendary background, as well as the relation of those themes with some of the most recurrent motifs of Fado: the inexorability of time; the return of King Sebastian, the “Hidden One”; the reluctance to confront our own shortcomings,

and our habit or ready disposition to forgive and appease; the complacent pleasure we take in ill-fated love stories, and our feelings of anti-Spanish intolerance (in Castro, a love story that may be at the root of all the dolefulness of Fado music); Lisbon’s customs and traditions in the rare but vibrant popular poems by Pessoa; the alcoholic ecstasies of Álvaro de Campos; the chasms of guilt and desire in Pedro Homem de Mello’s poems...

Obscurities and scintillations of our stubborn and peripheral nature, boldly and hauntingly complemented by the work of video artist Fabio Iaquone.

As the name itself suggests, *Shadows* celebrates all the ambiguous interplays that are so essential to the art of Theatre.

Ricardo Pais
September 2010

Trad. Rui Pires Cabral.



Ensombreamentos e incandescências

Sombras constrói-se numa espécie de paisagem cénica insólita, cheia de eventos inesperados e contrastantes. É um espectáculo multidisciplinar, decididamente contra os tiques da “fusão” ou da “world music”. Tem no Fado o seu coração sofrido e no Fandango uma espécie de cavalgada eufórica. Assenta em música original, parte de uma banda sonora de missão unificadora.

Retomamos, num tom mais evocativo do que narrativo, alguns momentos dos grandes textos portugueses que visitámos nestes últimos anos, sublinhando a insistência em alguns temas da chamada mitologia portuguesa, do seu pano de fundo lendário e da relação destes com alguns dos temas mais recorrentes no Fado: a passagem inexorável do tempo; o regresso de um Rei Encoberto; a timidez em enfrentar o nosso próprio retrato ou o vício, a pressa de perdoar, de aplacar; o desejo complacente da separação dos corpos e a intolerância anti-espanhola (na Castro, a história de amor, seminal de todas as perdas que o Fado celebra); a ganga lisboeta nos escassos mas vibrantes textos populares de Pessoa; as apoteoses alcoólicas de

Álvaro de Campos; a vertigem da culpa e do desejo nos poemas de Pedro Homem de Mello...

Ensombreamentos e incandescências da nossa natureza teimosa e periférica a que o olhar do videasta Fabio Iaquone acrescenta uma destemida fantasmização.

Sombras, como o nome indica, exalta todos os jogos de equívoco de que o Teatro nunca parece saciar-se.

Ricardo Pais
Setembro de 2010

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



Sombras

A nossa tristeza é uma imensa alegria
Shadows – Our sadness is an immense joy

uma criação de a creation by
Ricardo Pais

vídeos videos

Fabio Iaquone

Luca Attilii

música original
e direção musical

music and musical direction

Mário Laginha

coreografias

choreographies

Paulo Ribeiro

cenografia set design

Nuno Lacerda Lopes

figurinos costumes

Bernardo Monteiro

desenho de luz

lighting design

Rui Simão

desenho de som

sound design

Francisco Leal

voz e elocução

voice and elocution

João Henrques

consultor musical (Fado)

musical consultant (Fado)

Diogo Clemente

guião e direção

script and direction

Ricardo Pais

assistência de encenação

assistant director

Manuel Tur

interpretação cast

José Manuel Barreto

Raquel Tavares

(fadistas Fado singers)

Emília Silvestre

Pedro Almendra

Pedro Frias

(atores actors)

Carla Ribeiro

Mário Franco

Romulus Neagu

(bailarinos dancers)

Mário Laginha (piano)

Carlos Piçarra Alves

(clarinete clarinet)

Mário Franco

(contrabaixo double bass)

Miguel Amaral

(guitarra portuguesa)

Portuguese guitar

Paulo Faria de Carvalho

(viola)

Albano Jerónimo

António Durães

João Reis (participação
especial em vídeo special
appearances on video)

produção produced by

TNSJ

coprodução co-produced by

Centro Cultural Vila Flor

Teatro Viriato

São Luiz Teatro Municipal

colaboração collaboration

OPART

estreia opening 18Nov2010

TNSJ (Porto)

dur. aprox. playing time 1:45

M/12 anos recommended for
Ages 12 and up

Espetáculo em língua

portuguesa, legendado

em inglês Performance

in Portuguese subtitled
in English

Teatro Nacional São João

3-5 abr apr 2015

sex+sáb fri+sat 21:00

dom sun 16:00

poema

Faz-se luz pelo processo
de eliminação de sombras
Ora as sombras existem
as sombras têm exaustiva vida própria
não dum e doutro lado da luz mas no próprio seio dela
intensamente amantes loucamente amadas
e espalham pelo chão braços de luz cinzenta
que se introduzem pelo bico nos olhos do homem

Por outro lado a sombra dita a luz
não ilumina realmente os objectos
os objectos vivem às escuras
numa perpétua aurora surrealista
com a qual não podemos contactar
senão como os amantes
de olhos fechados
e lâmpadas nos dedos
e na boca

Mário Cesariny

Mário Cesariny



O TNSJ É MÉMBORE DA

GOVERNO DE
PORTUGAL | SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



teatrorivirato

SÃO
LUIZ
Teatro Municipal

EGEAC